ARTIGOS ORIGINAIS E ENSAIOS: HISTÓRIA E CULTURA EDITORIAL

Narradores do autor-Jornalista[1]

Author-journalist storyteller's

Los cuentacuentos del autor-periodista

Cremilda Celeste de Araújo Medina[2]

[1] Recebido em 11/09/18, versão aprovada em 11/11/2018.

[2] Jornalista, pesquisadora e professora doutora titular sênior da Universidade de São Paulo (USP). Atua na formação de mestres, doutores e pós-doutores no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) e no Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (Prolam), ambos da USP. Autora de 18 livros, organizou também 52 coletâneas, entre elas, a série inter e transdisciplinar Novo Pacto da Ciência e a série de livros-reportagem São Paulo de Perfil. Da obra pessoal, seus mais recentes títulos, Ato presencial, mistério e transformações (2016) e A arte de tecer afetos, signo da relação 2, cotidianos (2018), abordam a pesquisa a que se dedica há cinco décadas e cujo principal desafio é a dialogia social.

RESUMO

Ensaio cujo tema da técnica da entrevista jornalística e seu registro são analisados do ponto de vista da finalidade informativa entremeada pelo estilo pessoal e gênero literário. Como pano de fundo da discussão, a autora reflete sobre sua própria produção jornalística, de ensino e pesquisa, espelhando-se na obra literária de seu tio-avô, Alexandre Herculano, um dos consagrados escritores da literatura portuguesa. Como considerações finais, verifica que é preciso lembrar, refletir e sentir, antes de definir, pois a função informacional do texto de apoia no terreno movediço da narrativa e da memória, fazendo do escritor aquele que irá atribuir sentidos e direcionar o diálogo entre o leitor e sua obra.

PALAVRAS-CHAVE: Entrevista Jornalística. Redação e Estilo Jornalístico. Alexandre Herculano.

ABSTRACT

Essay whose theme of the journalistic interview technique and its record are analyzed from the point of view of the informational purpose intermeted by the personal style and literary genre. As a backdrop to the discussion, the author reflects on her own journalistic production, teaching and research, reflecting on the literary work of her great-uncle, Alexandre Herculano, one of the renowned writers of Portuguese literature. As final considerations, it verifies that it is necessary to remember, reflect and feel, before defining, because the informational function of the text supports in the Quickland of narrative and memory, making the writer the one who will assign meanings and direct dialogue Between the reader and his work.

KEY WORDS: Journalistic Interview. Writing and Journalistic Style. Alexandre Herculano.

RESUMEN

Ensayo cuyo tema de la técnica de la entrevista periodística y su registro se analizan desde el punto de vista del propósito informativo mesclado por el estilo personal y el género literario. Como escenario de la discusión, la autora reflexiona sobre su propia producción periodística, docente e investigadora, reflexionando sobre la obra literaria de su tío abuelo, Alexandre Herculano, uno de los renombrados escritores de la literatura portuguesa. Como consideraciones finales, comprueba que es necesario recordar, reflexionar y sentir, antes de definir, porque la función informativa del texto apoya en el Quickland de la narrativa y de la memoria, haciendo al escritor el que asignará significados y diálogo directo Entre el lector y su trabajo.

PALABRAS-CLAVE: Entrevista Periodística. Escritura y Estilo Periodístico. Alexandre Herculano.

INTRODUÇÃO

Recorro ao ensaio, com a liberdade imaginativa que me dá, sem amarras do rigor racionalista. Apesar de registros acadêmicos – livros e artigos - desenvolvidos ao longo de uma pesquisa de cinco décadas, prefiro a experiência da reportagem jornalística e a ficção literária para aí recolher exemplos da autoria que, democraticamente, se descentraliza do Autor-Miraculoso. Este, travestido de uma terceira pessoa objetiva e imparcial, nas narrativas tradicionais da imprensa e da literatura, concebia seu relato como versão única e verdadeira. A hipótese em que me aventuro, desconstrói a autoridade concentrada no "Eu-terceira pessoa" e se admite oscilante entre o EU e os Outros, a quem delega a voz de narradores.

O doutorado, na Universidade de São Paulo (1986), ao questionar a técnica da entrevista e sua representação simbólica, explorava caminhos que, por cúmplices ao *Modo de ser, mó'dizer* (título da tese) dos protagonistas sociais, provocavam a criação de um estilo polifônico. Os cacoetes - *fulano disse, beltrano respondeu, acrescentou ele, aspas declaratórias e travessões de pergunta e resposta* - são recursos manipulados pela pretensa imparcialidade do autor. De fato, aprisionam o fluxo narrativo dos contextos, dos gestos, da oralidade e demais códigos da cena viva e da interação social criadora dos interlocutores, seja os de referência real ou os de referência ficcional (*Povo e Personagem*, 1996, livro retirado da tese de livre-docência na USP em 1989). Já em *Entrevista, o diálogo possível* (1986), segunda parte da tese de doutorado, havia sugerido as transgressões que proponho na epistemologia e na prática dialógica.

Ao lembrar a "morte" da técnica literária que os franceses no *nouveau roman*, como Allan Robbe-Grillet, Michel Butor ou Marguerite Duras, defenderam nos anos 1950, escrevi no livro de 1986: "[...] esses e outros escritores conscientizaram a superação do ponto de vista de terceira pessoa onisciente, onipresente, como se o autor miraculoso viajasse de helicóptero sobre a cena e descrevesse de um ponto fixo do espaço. Em lugar disso, propunham aquele narrador moderno que entra na cena e se permite vê-la de dentro, pousar em coisas, objetos. Radicalmente, como convém a qualquer ruptura, decretaram a *coisificação*." (1986, p.72-73). Esta rebeldia também se expressou no cinema da época (*Nouvelle Vague*).

Da teoria literária, cito também a participação de Antônio Cândido numa mesa redonda sobre literatura e sociedade, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (1984). Para o ensaísta (que perdemos em 2017), o EU se pluraliza a partir do romantismo. Essas e outras inspirações, no campo da reflexão, foram empiricamente submetidas aos examinadores nas narrativas da primeira parte da tese de doutorado (não publicada em livro). Em *modo de ser, mó'dizer*, as histórias e seus protagonistas do bairro de Higienópolis, em São Paulo, *pluralizam* o eu-autor em narradores mutantes que entram na cena sem pedir licença, para lembrar a Irene do poema de Manuel Bandeira. As falas se encadeiam sem as marcações convencionais. Transcrevo um fragmento, a seguir, da narrativa do bazar da dona Arminda na Praça Buenos Aires. (Há poucos anos o bazar fechou, após a morte da proprietária).

> Dona Arminda chega com um estojo de veludo. Abre a caixa diante dos olhos espertos da velha senhora. Arnaldo logo se enfia na roda para enxergar. A habilidade mágica das mãos esguias de dona Arminda desembrulha uma pulseira imitando ouro, o cobre já gasto, opaco. Vê, que bonito, não é bem como a senhora gosta? Dona Arminda, acho que não vou ficar com ela, não. Eu agora evito usar tudo que é coisa que chama a atenção, não vê o que estão assaltando aí na rua? Dona Arminda guarda o tesouro rapidamente. Nesse instante entram no bazar dois jovens pingando de suor, roupa e cabelos estilo punk, com brilho de gel. Vê, Arnaldo, vê o que os moços querem. Querem saber o preço de spray, tinta preta. Consultam-se e desistem. Saem como entraram. Arnaldo tentou, apenas tentou enturmar: vocês tomaram banho agora, né? Os jovens estilo punk nem responderam.
>
> A velha senhora escolhe um soutien de rendas para a sobrinha, mas vai para casa consultar a irmã para saber se é tamanho 42 ou 44.

As sucessivas cenas no bazar da Praça Buenos Aires, narradas nos anos 1980, desapareceram após a morte de Arminda, mas a senhora portuguesa de Mogadouro, em Trás-os-Montes, permanece na memória dos que conheceram a vivacidade da *Dama das miudezas*. E alguns orientandos ou alunos da USP, que não a conheciam, ao lerem o texto que escrevi para a tese e reproduzi no livro *Arte de tecer o presente, narrativas e cotidiano* (2003), vieram verificar, em ato presencial, a veracidade da referência na minha produção simbólica.

Se a cena real pode ser representada na reportagem jornalística com pontos de vista plurais, na literatura (e não só a contemporânea), encontram-se fartos exemplos. Na minha formação de Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, anos 1960, os professores de literatura me despertaram para as rupturas de estilo que contrastavam como

a gramática técnica do ensino de Jornalismo. A vantagem, nessa osmose cultural, se deve ao fato de que os mestres de língua e literatura eram comuns aos dois cursos. No meu aprendizado as disciplinas de redação jornalística corriam ao largo da fruição estética de Letras. Escritores como Fernando Sabino inspiravam, por exemplo, a superação de orações subordinadas (dignas representantes da estrutura de poder do absolutismo...) e o domínio lúdico da coordenação (sem a elite do poder assumida pela oração principal). Brincadeiras à parte, o fato é, como jornalista, não me viciei, à partida, na estrutura da notícia em pirâmide invertida, no jogo declaratório das aspas e das perguntas e respostas, na lide (abertura ou cabeça de matéria) exclusivamente sumário, que responde esquematicamente às perguntas quem, o quê, quando, onde, como e por quê? Embora as lições do manual clássico estivessem presentes no laboratório do *Jornal Escola*, na prática dos primeiros anos da década de 1960, a inspiração maior vinha de Graciliano Ramos, João Cabral, Manuel Bandeira, Fernando Sabino, cronistas, poetas e romancistas que davam voz à oratura brasileira.

A liberdade estilística se ancorou também na oficina doméstica. Sinval Medina, escritor desde a adolescência, ao se iniciar como ficcionista nessa mesma década, ensaiava múltiplos narradores. Na sua primeira ficção, premiada em Porto Alegre pela Secretaria de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul (1963), a novela *Ninguém* exigia essas ousadias que marcariam nas décadas posteriores sua obra. O autor deslizava à vontade (sem aspas ou travessões) para a voz de sua personagem, uma empregada doméstica. (Esse texto inédito veio, datilografado, para São Paulo, na nossa mudança de 1971, e se perdeu, três anos depois, numa enchente de verão, no porão da casa onde morávamos, no Jardim Bonfiglioli.) Hoje com romances, livros para crianças e para adolescentes publicados, seus narradores consagram uma pluralidade de contadores da saga histórica ou contemporânea. Um bom exemplo da primeira é o romance premiado *Tratado da altura das estrelas* (1997) que vai ao século XVI da brasilidade; e da segunda, os tempos recentes do *Memorial de Santa Cruz* (1983).

Neste labor, o romancista, que está hoje às voltas com mais uma ficção do século XVIII, escreveu, em um momento de descanso (ora, descanso!), um texto curto avulso e me mostrou. Pronto, veio a calhar. Pedi que me passasse para aqui incorporar, bem ao estilo

do que defendo como descentralização "democrática" de narradores. Lá vai, com a devida licença doméstica:

> AVE MARIAS
>
> Nem numa hora como essa a menina perde a mania de grandeza. Ela se acha diferente, pelo amor de Deus. Já não chega a despesa que está me dando por querer um casamento de gente rica. Precisei implorar um papagaio na Caixa Econômica para pagar a festa. Doze prestações mensais, uma em cima da outra. Ali. Na batata. A mãe dando apoio em tudo, fazendo todas as vontades. É nossa única filha, Eusébio. Não temos outra para casar. Ainda bem que é só uma. Três promissórias assim, eu ia à falência. Não chama tua filha de promissória, desalmado. Está bem, deixa pra lá.
>
> E o noivo nem é lá essas coisas. Não sei se vale o investimento. Ela ficou furiosa. Mais que tu ele vale. Mão de vaca. Usurário. Manipanço. Economizar, poupar, poupar, é só nisso que tu pensa. Juntar dinheiro pra quê, avarento? Só se for pra trocar de carro no fim do ano. Pura exibição para os vizinhos.
>
> Ouvi calado. Todo jogo tem seu troco. A bola vai e volta. Não perdes por esperar, jararaca. O que é teu está guardado. Sem falar no noivo. Com o empreguinho que tem, quero ver sustentar os luxos da menina. Tal mãe, tal filha. Quem sai aos seus não degenera. Não dou nem três meses para ele vir com a primeira facada. Já dei fogão, geladeira, os móveis do quarto. E sou fiador do aluguel.
>
> E agora, como se eu não tivesse mais nada com que me ocupar, ela vem com essa frescura da Ave Maria. Ah, papai, escolhi a do Gounod, que é muito mais bonita que a de Schubert. Mas o padre proibiu. Como assim, o padre proibiu? O Gounod era protestante, precisa de licença da Cúria Metropolitana para tocar numa igreja católica. O senhor tem que conseguir a licença, papai. E por que não escolheste a Ave Maria normal, minha filha? A Ave Maria de Schubert não é a normal. É mais sem graça. E toca em todos os casamentos da cidade.

PARA CULMINAR, A VISITA AO TIO HERCULANO

Recorro agora, com a devida licença do leitor, a outro laço familiar. Este mais remoto, porque se trata de um tio distante no tempo e no espaço: Alexandre Herculano Carvalho Araújo. Em três oportunidades não resisti à revelação pública, no Brasil, do parentesco com o célebre escritor português. A primeira vez, gesto de adolescente, falei que era sobrinha em quarto grau de Herculano numa aula de literatura do professor de francês que citava o autor como prócer do romantismo. Fiquei inquieta na carteira do segundo ano ginasial do Colégio Farroupilha de Porto Alegre e dei com a língua nos dentes. Pra quê? Não havia lido uma linha do parente e o professor começou a me cobrar aula a aula, semana após semana, respostas ao questionário literário que preparou para me castigar.

Me vali do padrinho em Portugal: Daniel Araújo, irmão de meu pai, José Pereira Araújo, o mais fiel dos sobrinhos bisnetos, ouviu de imediato meus apelos e me enviou a obra literária, encadernada, para o Brasil. Resulta que, aos 13 anos, li os romances do tio distante e enfrentei o mestre de francês no colégio alemão da capital gaúcha.

Quando chegou o vestibular em 1961, em Letras e Jornalismo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, estava de antemão preparada se caísse alguma questão sobre Alexandre Herculano. Mas ele não foi sorteado – lembro que tive de dissertar sobre Jorge Amado, acabara de ler *Gabriela, cravo e canela*. Com certa arrogância, me lancei com tudo numa discussão com a banca do exame oral sobre a literatura brasileira. Manifestei, com veemência, minha preferência por *Capitães da areia* diante de uma examinadora que visivelmente estava encantada com a *Gabriela.*

A segunda oportunidade irresistível aconteceu, em 1977, no centenário da morte do autor de *Eurico, o presbítero.* Já vivia na capital paulista e trabalhava no jornal *O Estado de S. Paulo* como editora de Artes: era meu dever profissional dar cobertura à efeméride. Desta vez pedi autorização ao editor chefe, o jornalista Miguel Jorge, se podia escrever um pequeno texto de sobre minha infância em Portugal e a memória de Herculano na família de meu pai. Prontamente me permitiu a liberdade autobiográfica em meio às repercussões de historiadores e críticos da literatura.

Desta vez, fui mais segura à empreitada. Fiz pesquisa bibliográfica e me vali do jornal *Diário de Notícias*, importante matutino de Portugal, que não só publicou cobertura especial como editou, em um box, a descendência do irmão de Alexandre Herculano Carvalho Araújo, José Félix Carvalho Araújo, de quem a mãe de meu avô paterno, Maria Efigênia Carvalho Araújo, era filha. Armando Pereira Araújo gerou cinco filhos, entre eles, José Pereira Araújo, meu pai. Para glória dos sobrinhos em quarto grau, já que o escritor não teve descendentes diretos, o jornal português cita, entre os "parentes já afastados", Cremilda de Araújo Medina (São Paulo) e Dina Araújo Barberena (Porto Alegre). Meus filhos e netos e os filhos e netos de minha única irmã olham hoje para a árvore e lamentam a ausência dos sobrinhos de quinto e sexto grau...

Outro fato a citar, em 1977, se refere à publicação em Portugal, no *Diário,* do texto que escrevera para o *Estadão*. Recentemente, no Porto, o primo Arnaldo Couto, filho de uma irmã de meu pai, me presenteou com o jornal que guardou nos seus arquivos. O título da

matéria, bem diferente da edição brasileira, afirmava - *Homem teimoso e insubmisso, além de escritor e historiador.* E assim resumiu, no subtítulo, a memória de infância que relatei: "Se a sombra do romântico historiador não foi asfixiante na família – pelo contrário, notava-se até um certo desleixo no culto do escritor – houve sempre traços subjacentes que ponteavam as referências a Herculano."

Talvez tenham sido esses traços subjacentes captados por meu avô paterno, sobrinho neto de Herculano e patriarca de minha infância em Portugal, que marcaram as lembranças da personalidade e ação política de Herculano. Armando Pereira Araújo, jornalista, ensaísta e reverendo da igreja protestante lusitana, salientava, para além do historiador e do romancista, as posições anticlericais, antimilitares, a rejeição ao voto de castidade e as campanhas pela educação universal e pública ou o casamento civil. Essa face de Alexandre Herculano era enaltecida no gabinete do meu avô, nos domingos à tarde, quando se reunia a família Araújo. Para mim, em paralelo com as brincadeiras no quintal com a irmãzinha Dina e os primos Maria Gualdina, Artur e Arnaldo, guardei palavras solenes de que Armando enunciava perante o retrato do ilustre escritor na parede.

Ao republicar, no século XXI, no livro *Atravessagem, reflexos e reflexões na memória de repórter* (2014), a matéria do centenário da morte sob o título, *Visita a tio Herculano*, lembrava essa herança imorredoura:

> Foi preciso percorrer muitos autores e passar, anos mais tarde, por Jorge Luis Borges, inclusive, para voltar a Alexandre Herculano e perceber sua arte gótica. A figura do historiador era mais imediata, a do polemista também me impressionou muito antes. No momento em que as Américas se libertavam e a Europa lutava para sair do despotismo (mesmo que esclarecido) para o liberalismo, Herculano agiu com extrema coerência em relação ao seu pensamento, na época, de vanguarda: sem ser hábil como político, projetou na vida pública, questões que vão da estrutura e das técnicas agrícolas à divulgação de Caixas Econômicas, polêmicas sobre o casamento civil, a instrução pública, a situação dos professores do ensino primário, a preservação dos monumentos históricos contra a sede de modernização, a estrutura municipalista, a liberdade de imprensa e a condenação sumária à censura prévia ao teatro. (2014, p. 173.)

Inconteste o legado do romancista, do historiador, do polemista: na ficção, a prática pioneira em Portugal do romantismo de ascendência alemã ou da poesia mística; na historiografia, academias ou institutos de História da Baviera, de Turim, de Madri, da França ou dos Estados Unidos lhe atribuem o mérito de ter instaurado o domínio da documentação, da busca paciente nos arquivos, substituindo o brilho das lendas e dos

contos favoráveis à tradição aristocrática por um método de pesquisa, mesmo que, com isso, comprasse grandes inimizades. Há ainda os que o celebraram como herói das revoluções liberais. Cândido Beirante, autor português, publicou, no centenário da morte do escritor, o livro A *ideologia de Herculano* (1977). Ao se reportar à perda do intelectual, um século antes, registra entre outros depoimentos internacionais, o de Rui Barbosa: "Alexandre Herculano não jaz: existe entre nós; sobreviver-nos-á em nossos filhos; renascerá de geração em geração, enquanto esta língua soar." (1977, p. 18)

Sem adotar o tom parnasiano de Rui, ressalvo, porém, no perfil do autor do romantismo português, a fibra esculpida no rosto anguloso - aquele do retrato no gabinete do avô Armando. Ali vejo também, estampados, os versos de Herculano:

> Eu nunca fiz soar meus pobres cantos
> Nos paços dos senhores!
> Eu jamais consagrei hymno mentido
> Da terra aos opressores.

MAS, VOLTEMOS AOS NARRADORES EM HERCULANO

Só em fevereiro de 2017 voltei a ler *Eurico, o Presbítero* (1843). Eis a terceira oportunidade de encontro com o antepassado.

Em viagem a Portugal, procurava, numa livraria de Lisboa, um romance para ler e me deparei o clássico de Alexandre Herculano, uma edição simples da Bertrand (2011). Ao abrir o livrinho de bolso, apesar do contraste com a coleção encadernada que padrinho Daniel Araújo me enviara ao Brasil na década de 1950, logo me detive com uma preciosidade, a introdução do autor na primeira edição, de 1844. É bem provável que a leitora adolescente tenha pulado essas páginas para entrar logo na aventura romanesca.

Assim, após seis décadas, voltei ao *Eurico, o Presbítero.*

Surpresa que só tempo amadurecido pode proporcionar. Esse autor, pesquisador de documentos em arquivos, ensaísta, poeta e ficcionista, se dirige ao leitor na apresentação do romance e faz uma confissão das ambiguidades da fronteira entre história e literatura:

> Essa crônica de amarguras procurei-a já pelos mosteiros quando eles desabavam no meio das nossas transformações políticas. Era um buscar

> insensato. Nem nos códices iluminados da Idade Média, nem nos pálidos pergaminhos dos arquivos monásticos estava ela. Debaixo das lájeas que cobriam os sepulcros claustrais havia, por certo, muitos que a sabiam, mas as sepulturas dos monges achei-as mudas. Alguns fragmentos avulsos que nas minhas indagações encontrei apenas frases soltas e obscuras da história que eu buscava debalde; debalde, porque à pobre vítima, quer voluntária, quer forçada ao sacrifício, não era lícito gemer, nem dizer aos vindouros: "Sabei quanto eu padeci!"

O historiador, então, cede ao ficcionista "E, por isso mesmo, sobre ela pesava o mistério, a imaginação vinha aí suprir a história." Esta frase bem poderia sair da criação contemporânea em que os romancistas vão buscar, em raízes históricas, alimento para a ficção aventurosa. Herculano reduz a ambição positivista do impropriamente denominado romance histórico:

> Por isso na minha concepção complexa, cujos limites não sei de antemão assinalar, dei cabida à crónica-poema, lenda ou o que quer que seja do presbítero godo: dei-lha, também, porque o pensamento dela foi despertado pela narrativa de certo manuscrito gótico, afumado e gasto do roçar dos séculos, que outrora pertenceu a um antigo mosteiro do Minho.

Tal humildade (oriunda de uma epistemologia da complexidade, lembrando Edgar Morin (1989), um século e meio depois de Herculano, desmonta o controle de autor objetivo na narrativa romanesca. A releitura que fiz do *Eurico* me espantou pela descentralização da terceira pessoa para delegar voz a personagens, na fluência que defendo como habilidades polifônicas, seja na literatura, seja no jornalismo. A motivação do texto que aqui ensaio partiu da releitura do *Eurico*.

Assim anotei, em viagem do ano passado a Portugal, as variantes de narrador em Alexandre Herculano Carvalho Araújo: no ***narrador-autor***, o leitor vai à História, vive a saga dos godos cristianizados na Península Ibérica. Da civilização romana aos godos e às invasões árabes que se anunciavam, a terceira pessoa do autor apresenta dados históricos (exemplo,2011, p.13). No ***narrador em fusão com Eurico***, o intimismo se revela na perspectiva do personagem (exemplo, p.17, 18). No ***narrador do contexto com o poeta***, a mediação se desloca do autor para Eurico (exemplo, p. 20,23,25). No ***narrador de primeira pessoa***, o presbítero destrona a voz implícita de Herculano para se assumir como o próprio autor (exemplo, p. 27). No ***narrador em meditação*** (p.34,35) ou no ***narrador em diálogo com a consciência*** (p. 44), some também a intervenção do autor, Herculano.

As cartas que compõem a correspondência entre Eurico e o Duque de Córdova expressam a liberdade mutante da terceira à primeira pessoa. Aí não comparece a ordenação de fatos

históricos, porque os sentimentos e confissões românticas ultrapassam o horizonte racional da exposição (exemplo, pág. 63,64). Se a cena dos contextos de guerra medieval vem a primeiro plano pela narrativa do historiador, este se entrega à imaginação e mergulha no campo pantanoso dos desejos e dos mistérios místicos do Cavaleiro Negro (p.85).

No "Mosteiro da Virgem Dolorosa", a "Vunerável Cremilde" acolhe a donzela, paixão do presbítero, e o amor romântico aí ficará aprisionado. Não vale a pena resumir esse amor gótico, pois o romance de Herculano permanece vivo no século XXI, não só para estudos de narrativa como, principalmente, para a fruição poética. A estilística e a pluralidade de narradores convidam o leitor a se projetar nos cenários históricos e íntimos do presbítero e de Hermengarda, numa aventura-desventura, que da épica medieval afunda em desfecho romântico.

Romance histórico ou simplesmente ficção? Herculano responde na apresentação que assina em 1843 no romance: "Deste modo, sendo hoje dificultoso separar, em relação àquelas eras, o histórico do fabuloso, aproveitei de um e de outro o que me pareceu mais apropriado ao meu fim."

Chego à principal interrogante ensaística: estamos diante de um autor que se pergunta, que expõe dúvidas, que aceita, no pós-iluminismo, que "é mais fácil sentir do que definir". Com essa coragem de desconstrução da terceira pessoa miraculosa, o romance escrito na primeira metade do século XIX, ainda nos oferece, como apêndice, as Notas do Autor. Nelas, oferece informações úteis, dados históricos pesquisados em arquivos e opções estilísticas na literatura. Curioso que quanto à escrita e aos clássicos da língua, submete, ao leitor de sua obra, considerações como as da página 231 na edição da Bertrand (2011):

> – Pensem nisto!

Penso e repenso, sim, Alexandre Herculano. Acima de tudo, me chama a atenção, no longínquo tio, a dignidade de uma mente não absolutista na arte literária ou na ação política:

> Desde a primeira até a última página do meu pobre livro caminhei sempre por estrada duvidosa traçada em terreno movediço; se o fiz com passos firmes ou vacilantes, outros, que não eu, o dirão (2011, p. 223).

REFERÊNCIAS

BEIRANTE, Cândido. **A ideologia de Herculano**. Santarém, Portugal, edição da Junta Distrital, 1977.

CANDIDO, Antônio, AVILA, Affonso, GULLAR, Ferreira. **Literatura e sociedade:** mesa redonda publicada na revista Letra nº 2 da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1984.

HERCULANO, Alexandre. **Eurico, o Presbítero**. Lisboa: Bertrand Editora, 2011. (Coleção Clássicos da Literatura Portuguesa). Nota: A edição antiga referida no texto também foi publicada pela Bertrand, já em 41ª edição, sem data, e foi dedicada à Cremilda Medina nos anos 1950.

HERCULANO, Alexandre. **Eurico, o Presbítero**. Lisboa: Livraria Bertrand, s/d. Nota: Edição que foi oferecida pelo tio da autora deste ensaio na década de 1950.

MEDINA, Cremilda **A arte de tecer o presente, narrativa e cotidiano**. São Paulo, Summus Editorial, 2003.

MEDINA, Cremilda **Entrevista, o diálogo possível**. São Paulo, Editora Ática, 1986, primeira edição.

MEDINA, Cremilda. **Atravessagem, reflexos e reflexões na memória de repórter**. São Paulo, Summus Editorial, 2014.

MEDINA, Cremilda. **Povo e personagem**. Canoas, *Editora da ULBRA, 1996.*

MEDINA, Sinval. **Memorial de Santa Cruz**. Porto Alegre, 1ª edição, Mercado Aberto, 1983.

MEDINA, Sinval. **Tratado da altura das estrelas**. Porto Alegre, Editora da PUC/RS e do Instituto Estadual do Livro, 1997. Em 2014, a EdiPUCRS reeditou o romance numa edição comemorativa de livros premiados nos 25 anos da editora gaúcha.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo.** Lisboa, Publicações Instituto Piaget, 1989.

VERSÃO INTEGRAL EM LINGUA INGLESA

ORIGINAL ARTICLES AND ESSAYS: HISTORY AND EDITORIAL CULTURE

Author-Journalist Storyteller's[3]

Cremilda Celeste de Araújo Medina[4]

[3] Received on 09/11/2018, version approved in 11/11/2018.

[4] Journalist, researcher and PhD professor, Senior lecturer at the University of São Paulo (USP). He works in the formation of Masters, doctors and post-doctoral students in the graduate Program in Communication Sciences (ppgcom) and the postgraduate program in Integration of Latin America (Prolam), both from USP. Author of 18 Books, she also organized 52 collectations, among them, the inter- and Transdisciplinary series New Covenant of Science and the series of books-Report São Paulo profile. From his personal work, his most recent titles, Presential Act, Mystery and Transformations (2016) and the art of weaving affections, sign of the relationship 2, everyday (2018), address the research that has been devoted for five decades and whose main challenge is social dialogue.

INTRODUCTION

I resort to the test, with the imaginative freedom it gives me, no strings attached the rationalist rigor. Although academic records - books and articles - developed over a five decades research, prefer the experience of journalistic and literary fiction to then collect examples authored that, democratically, to decentralize the Author-Miraculous. This, disguised as a third objective and impartial person in the traditional narratives of the press and literature, conceived his account as only true version. The hypothesis that I venture, deconstructs the authority concentrated in the I-third person and admits oscillating between the US and the Others, who delegates the voice of narrators.

The doctorate at the University of São Paulo (1986), by questioning the technique of the interview and its symbolic representation, exploring paths for accomplices to mode of being, mó'dizer (Title of thesis) of social actors, caused the creation of a polyphonic style. The tics - guy said, beltrano answer, he added, declaratory quotes and dashes question and answer - are resources manipulated by the alleged impartiality of the author. In fact, imprison the narrative flow of contexts, gestures, orality and other codes of the scene alive and creative social interaction of the speakers, is the actual reference or fictional reference (People and Character, 1996 book taken from the thesis free teaching of USP 1989). Already in Interview, the possible dialogue (1986), second part of the doctoral thesis,

Recalling the "death" of the literary technique in the French nouveau roman, as Allan Robbe-Grillet, Michel Butor and Marguerite Duras, argued in the 1950s, wrote in the 1986 book: "(...) these and other writers conscientizaram overcoming the point of view of third person omniscient, omnipresent, like the miraculous author traveled by helicopter on the scene and describe a fixed point in space. Instead, they proposed that modern narrator enters the scene and lets you see her in, land on things, objects. Radically, as befits any breakage, enacted objectification (...) "(1986, p.72-73). This rebellion was also expressed in the movies of the time (Nouvelle Vague).

Literary theory also cite the participation of Antonio Candido in a roundtable discussion on literature and society, Federal University of Rio de Janeiro (1984). For the essayist (which lost in 2017), the US is pluralizes from romanticism. These and other inspirations in the field of reflection, were empirically submitted to the examiners in the narratives of

the first part of the doctoral thesis (unpublished in book). In order to be, mó'dizer, stories and their protagonists the Higienópolis neighborhood of São Paulo, pluralizam self-authored narrators mutant entering the scene without permission, to remind Irene poem by Manuel Bandeira. The speeches are linked without conventional markings. I transcribe a fragment, then the Bazaar narrative owner Arminda in Piazza Buenos Aires. (A few years ago the bazaar closed,

> Dona Arminda comes with a velvet case. Open the box before the eyes of the wise old lady. Arnaldo soon slips on the wheel to see. The magical ability of slender hands Arminda owner unwraps a bracelet imitation gold, copper already spent, opaque. See, that beautiful, not quite like you like? Dona Arminda, I think I will not stick with it, no. I avoid now use everything thing that draws attention, do not see what is holding up there on the street? Dona Arminda guard the treasure quickly. At that moment they enter the bazaar two young dripping with sweat, clothes and hair style punk, with gel shine. See, Arnold, see what the boys want. They want to know the price of spray, black ink. Consult and give up. They go as entered. Arnaldo tried, just tried to fit in: you bathed now, right? The young punk or answered.
>
> The old lady picks a bra lace for niece, but go home to consult his sister to see if it is size 42 or 44.

Successive scenes in the bazaar of Buenos Aires Square, narrated in the 1980s, disappeared after the death of Arminda but the Portuguese lady Mogadouro in Tras-os-Montes, remains in the memory of those who knew the vividness of the Lady offal. And some mentees or students from USP, who did not know, to read the text I wrote for the thesis and play in the book Art of weaving the present, narratives and everyday (2003), came to check on attendance act, the accuracy of the reference in my symbolic production.

If the actual scene can be represented in journalistic reportage with plural views, literature (and not only contemporary), are fed up with examples. In my training Letters at the Federal University of Rio Grande do Sul, 1960s, literature professors awakened me to the style that contrasted breaks as technical grammar of journalism education. The advantage in this cultural osmosis, is due to the fact that language and literature teachers were common to both courses. In my learning the journalistic writing subjects ran off the aesthetic enjoyment of Letters. Writers such as Fernando Sabino inspired, for example, overcoming subordinate clauses (worthy representatives of the power structure of absolutism ...) and playful field of coordination (without the power elite assumed by the main clause). Jokes aside, the fact is, as a journalist, not addicted me at the outset, in the news structure in inverted pyramid, in declaratory set of quotes and questions and

answers, the deal (opening or head of matter) only summary, which schematically answers the questions who, what, when, where, how and why? Although the lessons of the classic manual were present in the lab of the Jornal School in practice in the early years of the 1960s, the greatest inspiration came from Graciliano Ramos, João Cabral, Manuel Bandeira, Fernando Sabino, writers, poets and novelists who gave voice to Brazilian orature. the deal (opening or head of matter) only summary, which responds schematically questions who, what, when, where, how and why? Although the lessons of the classic manual were present in the lab of the Jornal School in practice in the early years of the 1960s, the greatest inspiration came from Graciliano Ramos, João Cabral, Manuel Bandeira, Fernando Sabino, writers, poets and novelists who gave voice to Brazilian orature. the deal (opening or head of matter) only summary, which responds schematically questions who, what, when, where, how and why? Although the lessons of the classic manual were present in the lab of the Jornal School in practice in the early years of the 1960s, the greatest inspiration came from Graciliano Ramos, João Cabral, Manuel Bandeira, Fernando Sabino, writers, poets and novelists who gave voice to Brazilian orature.

The stylistic freedom is also anchored in the home workshop. Sinval Medina, writer since childhood, at the beginning as a writer of fiction in the decade, rehearse multiple narrators. In his first fiction, awarded in Porto Alegre by the Secretariat of the Rio Grande do Sul State Culture (1963), the novel Nobody demanded such boldness that would mark his work in later decades. The author slid at will (no quotes or dashes) to the voice of his character, a maid. (This unpublished text came, typed, to São Paulo, in our change in 1971 and lost, three years later, a summer flood in the basement of the house where we lived in Jardim Bonfiglioli.) Today with novels, books for children and teenagers published They devote their tellers counters a plurality of historical or contemporary series. A good example of the first is the award-winning novel of the stars height of the Treaty (1997) which goes to the sixteenth century of Brazilianness; and second, the recently Memorial Santa Cruz (1983).

In this work, the novelist, which is now grappling with another fiction of the eighteenth century, wrote in a moment of rest (now rest!), A short text loose and showed me. Ready, came in handy. I asked him to pass me here incorporate, in the style of which advocate

decentralization as "democratic" of narrators. There will, with appropriate domestic license:

> **AVE MARIAS**
>
> Not at a time like this girl loses delusions of grandeur. She thinks different, for God's sake. No longer comes to spending that is giving me want a wedding rich people. I had to beg a parrot in the Savings Bank to pay for the party. Twelve monthly installments, one on top of another. There. In potato. The mother supporting at all, making all wills. It's our only daughter, Eusebius. We have no one to marry. Thankfully it's only one. Three promissory so, I went bankrupt. Do not call your daughter promissory, soulless. Okay, never mind.
>
> And the groom is not up to snuff. I do not know if worth the investment. She was furious. More than you it is worth. Penny-pincher. Usurer. Manipanço. Save, save, save, it's just what you think. Add money to what, miser? Only if it is to change cars at the end of the year. Pure display to neighbors.
>
> I heard nothing. Every game has its change. The ball goes back and forth. Do not lose by waiting, pit viper. What it is is stored. Not to mention the groom. With little job I have, want to see hold the girl's luxuries. Like mother, like daughter. Who goes to their non degenerate. I do not give or three months for him to come with the first stab. I've given stove, refrigerator, the furniture of the room. And I'm guarantor of the rent.
>
> And now, as if I had nothing else to occupy me, it comes with that freshness of Ave Maria. Oh, Dad, I chose the Gounod, which is much prettier than Schubert. But the priest banned. As well, the priest banned? Gounod was a Protestant, must leave the Metropolitan Curia to play in a Catholic church. You have to get the license, Dad. Why not chose the Normal Ave Maria, my daughter? The Schubert Ave Maria is not normal. It's dull. And touches all marriages city.

TO TOP IT OFF, THE VISIT TO UNCLE HERCULANO

I turn now to the reader due license to another family tie. This more remote, because it is a distant uncle in time and space: Alexandre Herculano Carvalho Araujo. On three occasions I could not resist public disclosure in Brazil, kinship with the famous Portuguese writer. The first time, teen gesture, I said I was in fourth grade niece of Herculano in a class of literature French teacher who quoted the author as of romanticism national hero. I was restless in the portfolio of the second year of junior high Farringdon College of Porto Alegre and took to spill the beans. For what? There was a relative read line and the teacher started charging me class to class week after week, answers to the literary questionnaire prepared to punish me. Me vali godfather in Portugal: Daniel

Araujo, my father's brother, José Pereira Araújo, the most faithful of great-grandchildren nephews, heard my pleas and immediately sent me to literary, bound for Brazil. It follows that, at 13, I read the novels of distant uncle and faced the French master of the German school of Porto Alegre.

When he reached the entrance exam in 1961 in Letters and Journalism at the Federal University of Rio Grande do Sul, was prepared beforehand to fall any questions about Alexandre Herculano. But he was not drawn - I remember I had to speak about Jorge Amado, just read Gabriela, Clove and Cinnamon. With a certain arrogance, I threw myself with all in discussion with the banks of the oral examination on the Brazilian literature. I expressed vehemently, my preference for sand Captains before an examining that visibly was delighted with Gabriela.

The second irresistible opportunity happened in 1977, the centenary of the death of the author of Eurico, the priest. Already living in São Paulo and worked in the newspaper O Estado de S. Paulo as arts editor: it was my professional duty to cover the anniversary. This time asked permission to the chief editor, the journalist Miguel Jorge, I could write a short text about my childhood in Portugal and Herculano memory in my father's family. Readily allowed me the freedom autobiographical amid the repercussions of historians and critics of literature.

This time, it was safer to venture. Did literature and newspaper vali me Daily News, important morning of Portugal, which not only published special coverage as edited, in a box, the offspring of brother Alexandre Herculano Carvalho Araujo, José Félix Carvalho Araujo, who's mother my paternal grandfather, Maria Philomena Carvalho Araujo, was daughter. Armando Pereira Araujo generated five children, among them, José Pereira Araujo, my father. To the glory of his nephews in fourth grade, since the writer had no direct descendants, the Portuguese newspaper cites, among the "relatives already removed" Cremilda Medina de Araujo (Sao Paulo) and Dina Araújo Barberena (Porto Alegre). My children and grandchildren and the children and grandchildren of my only sister today look at the tree and regret the absence of the fifth and sixth grade nephews ...

Another fact to mention, in 1977, refers to the publication in Portugal, in the Journal, the text written for the ESP. Recently, in Porto, cousin Arnaldo Couto, the son of a sister of my father, gave me the paper you have saved in your files. The title of the article, quite

different from the Brazilian edition, said - stubborn and rebellious man, and writer and historian. And summed up in the subtitle, childhood memory that reported: "If the shadow of the romantic historian was not suffocating in the family - on the contrary, it was noticed to a certain laxity in the cult writer - there was always underlying traits that ponteavam references the Herculano. "

Perhaps it was these underlying traits picked up by my paternal grandfather, nephew of Herculano and patriarch of my childhood in Portugal, which marked the memories of the personality and Herculano policy action. Armando Pereira Araujo, journalist, essayist and Reverend Lusitanian Protestant church, stressed, in addition to historian and novelist, the anti-clerical positions, antimilitarist, the rejection of the vow of chastity and the campaigns for universal public education or civil marriage. This face of Alexandre Herculano was praised in the office of my grandfather, on Sunday afternoon, when met the Araujo family. For me, in parallel with the play in the backyard with Dina little sister and cousins Maria Gualdina, Arthur and Arnold kept solemn words that Armando enunciated before the portrait of the famous writer on the wall.

To republish, in the XXI century in Atravessagem book, glare and reflections on the reporter's memory (2014), the matter of the death centenary under the title, visit the uncle Herculano, remember this undying legacy:

> It had to go and spend many authors, years later, by Jorge Luis Borges, even to return to Alexandre Herculano and realize its Gothic art. The figure of the historian was more immediate, the polemicist also impressed me before. By the time the Americas was freed and Europe struggled to get out of despotism (even if clear) for liberalism, Herculano acted with extreme consistency in relation to his thought at the time, cutting edge: without being skilled as a politician, designed in public life, issues ranging from the structure and farming techniques to the disclosure of Savings Banks, controversies about civil marriage, public education, the situation of primary school teachers, the preservation of historic monuments at the headquarters of modernization, municipalist structure ,(2014, p. 173.)

Uncontested novelist's legacy, historian, the polemicist: in fiction, a pioneer practice in Portugal of German descent of romanticism or the mystical poetry; in historiography, gyms or history institutes of Bavaria, Turin, Madrid, France or the United States give it the merit of having brought the field of documentation, patient search the archives, replacing the brightness of the legends and favorable tales the aristocratic tradition by a search method, even with that, buy large enmities. There are still those who celebrated as

a hero of the liberal revolutions. Candid Beirante, Portuguese author, published in the writer's death centenary, the book Ideology of Herculano (1977). When referring to the loss of intellectual, a century earlier, records and other international statements, the Rui Barbosa: "Alexandre Herculano not lies: between us; will survive us in our children; reborn generation to generation, the language sound. "(1977, p. 18)

Without adopting the Parnassian tone Rui, I must stress, however, the profile of the author of Portuguese romanticism, fiber carved in angular face - that portrait on grandfather's office Armando. See also Ali, printed, the verses of Herculano:

> I never did sound my poor corner
> In the palaces of lords!
> I never consecrated hymn lied
> The land to the oppressors.

COME BACK TO THE NARRATORS, IN HERCULANO

Only in February 2017 I went back to read Eurico, the priest (1843). Here is the third opportunity of meeting with the ancestor.

Traveling to Portugal, looking for, a bookstore in Lisbon, a novel to read and came across the classic Alexandre Herculano, a simple issue of Bertrand (2011). When you open the pocket booklet, despite the contrast to the bound collection godfather Daniel Araujo sent me to Brazil in the 1950s, soon stopped me with a gem, the introduction of the author in the first edition, 1844. It is likely that the teen reader has skipped those pages to get right the novelistic adventure.

So, after six decades, I returned to Eurico, the priest.

Surprise that only matured time can provide. This author, document files researcher, essayist, poet and novelist, the reader is addressed in the presentation of the novel and makes a confession of the ambiguities of the border between history and literature:

> This chronicle of bitterness sought to have the monasteries when they collapsed in the middle of our political transformations. It was a look foolish. Or the illuminated manuscripts of the Middle Ages, or in pale parchment monastic files was. Under the loggias that covered the graves were cloistered, of course, many who knew, but the graves of the monks I found the seedlings.

> Some loose fragments in my inquiries found only loose phrases and obscure history I sought in vain; in vain, because the poor victim, whether voluntary or forced to sacrifice, is not lawful to moan or say to future generations, "as I Know I suffered!"

The historian then gives the novelist:

> And, therefore, she weighed about the mystery, imagination was coming meet history.

This phrase could well come out of contemporary creation in which novelists will seek in historical roots, food for the adventurous fiction. Herculano reduces positivist ambition of improperly called historical novel:

> So in my complex design whose boundaries do not know beforehand point, I fit the chronic-poem, legend or whatever cobble priest: I gave it to him, too, because her mind was awakened by a certain manuscript narrative gothic, afumado and spent the brush of centuries, which once belonged to an ancient monastery of Minho.

Such humility (coming from an epistemology of complexity, recalling Edgar Morin (1989), a century and a half after Herculano, disassemble the author objective control in novelistic narrative. Rereading I did Eurico amazed me by the decentralization of the third person to delegate voice to characters in the fluency that advocate as polyphonic skills, whether in literature, whether in journalism. The motivation of the text here test came from rereading of Eurico.

So I wrote down in trip last year to Portugal, the narrator variants in Alexandre Herculano Carvalho Araújo: the narrator-author, reader goes to the history, live the saga of the Goths Christianized in the Iberian Peninsula. Roman civilization to the Goths and the Arab invasions that announced, the third person of the author presents historical data (eg, 2011, p.13). In narrator merger with Eurico, the intimacy is revealed in the character's perspective (eg p .17, 18). In the context of the narrator with the poet, mediation moves from the author to Eurico (eg, p. 20,23,25). In the first-person narrator, the priest dethrones implicit voice Herculano to take over as the author himself (eg, p. 27). In the narrator in meditation (p.34,35) or narrator in dialogue with consciousness (p. 44), also the author of some intervention, Herculano.

The letters that make up the correspondence between Eurico and the Duke of Cordoba expressing mutant freedom from the third to the first person. There does not attend the ordination of historical facts, because feelings and romantic confessions beyond the rational horizon of exposure (eg, pp. 63,64). If the scene of medieval warfare contexts

comes to the fore by the historian's narrative, it indulges the imagination and plunges into the marshy field of desires and mystical mysteries of the Black Knight (p.85).

In the "Monastery of the Virgin Dolorosa", the "vulnerable Cremilde" welcomes the maiden, priest's passion and romantic love there will be imprisoned. Not worth summarize this gothic love, for the romance of Herculano remains alive in the XXI century, not only for narrative studies and, above all, to the poetic fruition. Stylistic and the plurality of storytellers invite the reader to project the historical and intimate scenes of the priest and Hermengarda, an adventure-misfortune that the medieval epic sinks into romantic outcome.

Historical novel or just fiction? Herculano responds presentation signing in 1843 in the novel:

> Thus, today being cornered separate, compared to those ages, the history of the fabulous, I took advantage of one and the other which seemed more appropriate to my purpose.

I come to the main questioner essay: we are dealing with an author who asks that exposes doubts, which accepts, in the post-Enlightenment, that "it is easier to feel than to define." With this deconstruction of courage third person miraculous, the novel written in the first half of the nineteenth century, still offers us, as an appendix, the author notes. In them, it provides useful information, historical data researched in archives and stylistic choices in the literature. Curious that as the writing and the language of classical submit, the reader of his work, considerations such as page 231 in the edition of Bertrand (2011): " -- Think about it."

I think and rethink, yes, Alexandre Herculano. Above all, it strikes me, in the distant uncle, the dignity of a non-absolutist mind in the literary art or political action:

> From the first to the last page of my poor book ever I walked through dubious path traced on shaky ground; if done with steady or faltering steps, others, not me, will tell. (2011, p. 223)

REFERENCES

BEIRANTE, Cândido. **A ideologia de Herculano**. Santarém, Portugal, edição da Junta Distrital, 1977.

CANDIDO, Antônio, AVILA, Affonso, GULLAR, Ferreira. **Literatura e sociedade:** mesa redonda publicada na revista Letra nº 2 da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1984.

HERCULANO, Alexandre. **Eurico, o Presbítero**. Lisboa: Bertrand Editora, 2011. (Coleção Clássicos da Literatura Portuguesa). Nota: A edição antiga referida no texto também foi publicada pela Bertrand, já em 41ª edição, sem data, e foi dedicada à Cremilda Medina nos anos 1950.

HERCULANO, Alexandre. **Eurico, o Presbítero**. Lisboa: Livraria Bertrand, s/d. Nota: Edição que foi oferecida pelo tio da autora deste ensaio na década de 1950.

MEDINA, Cremilda **A arte de tecer o presente, narrativa e cotidiano**. São Paulo, Summus Editorial, 2003.

MEDINA, Cremilda **Entrevista, o diálogo possível**. São Paulo, Editora Ática, 1986, primeira edição.

MEDINA, Cremilda. **Atravessagem, reflexos e reflexões na memória de repórter**. São Paulo, Summus Editorial, 2014.

MEDINA, Cremilda. **Povo e personagem**. Canoas, *Editora da ULBRA, 1996.*

MEDINA, Sinval. **Memorial de Santa Cruz**. Porto Alegre, 1ª edição, Mercado Aberto, 1983.

MEDINA, Sinval. **Tratado da altura das estrelas**. Porto Alegre, Editora da PUC/RS e do Instituto Estadual do Livro, 1997. Em 2014, a EdiPUCRS reeditou o romance numa edição comemorativa de livros premiados nos 25 anos da editora gaúcha.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo.** Lisboa, Publicações Instituto Piaget, 1989.